REVISTA PASSENSE

adaja

15

DIVULGAÇÃO CULTURAL

Ano 5	Passos/MG	Outubro de 2024	Nº15

Por um mundo mais consciente

Entrevista com Benedito José

Pág. 4

Homenagem às revistas que a cidade de Passos viu circular:

do GruPOEMA

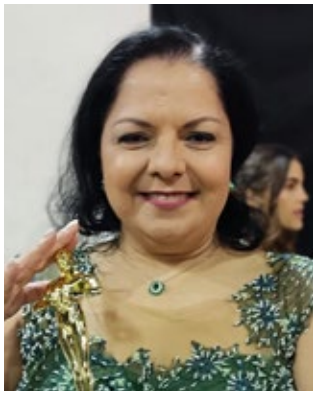
da FESP
(hoje UEMG)

do Movimento Amigo de Cristo
Paróquia de São Benedito

VOZES

Cristiane Amorim

Escuto vozes na minha cabeça.
Já fiz terapia, durante anos
- sem solução para isso.
Não falam o tempo todo:
... cochicham ao por do sol
... gritam ao ver a lua
... suspiram por amores
.... gargalham com amigos.
Manifestação instantânea e involuntária.
Às vezes, quando quero, se calam.
Quando calo, desfiam rosários...
E, à lápis, caneta ou batom
preciso escrever, registrar
- antes que sumam, pois
tanto quanto de súbito aparecem
inesperadamente cessam.
Às vezes, materializam pessoas...
noutras, viajam no tempo:
- passado alternado ao futuro
desnecessário movimento físico.
Apenas a um sinal:
- palavra, imagem ou odor,
Farfalham inescrupulosamente,
disparam a exposição detalhada:
especulam, cogitam, enredam.
Ocasionalmente, reclamo
- quando perco algum fio fantástico
mas, admito abertamente:
não quero me curar disso.



Cristiane Nunes Amorim, natural de Diamantina/MG, escritora e poeta. Ama escrever, ressignificar e criar palavras. Professora por formação e militar por profissão, graduada em Letras. Criou o Consultório de Poesia no Facebook, onde, após ouvir confidências de pessoas, reproduz discretamente suas histórias por meio de poemas. É membro do Grupo de Incentivo ao Escritor Diamantinense-GIED, da Academia Mineira de Belas Artes e da Academia de Belas Artes do Rio Grande do Sul. Instagram: crisdiamantina

ENTREVISTA

Benedito José, natural de Passos-MG, é Escritor, Palestrante, Mentor de Consciência e Multi-artista. Autor dos livros Outono, Rosa & Delírio; Teoria da Paz e Reorganização Pessoal; A carroça das sete viagens; Terapia dos Barbantes. Divide seu tempo e atividades profissionais entre Brasil e Canadá, semestralmente.

Benedito José, a vida imita a arte ou a arte imita a vida?

Se a vida surgiu antes, diria que a arte a imita. Se considerarmos que a arte como a Literatura nos provoca e aponta modelos para filtrar a realidade, diria que a vida imita a arte. Se considerarmos que viver é uma arte, diria que as duas andam juntas e que nossa única salvação é o autoconhecimento.

Você idealizou o Movimento Bioplenitude em 2005. Conte-nos um pouco sobre este projeto transformador.

Nosso objetivo é trabalhar por um mundo mais consciente, onde tantas pessoas vivem sem noção do que seja importante na vida. Nossas atividades incluem o RETIRO BIOPLENITUDE (uma metodologia de autoconhecimento, totalmente vivencial e com experiências místicas durante um final de semana inesquecível); a TERAPIA DOS BARBANTES (teoria canalizada que nasceu livro e virou Escola de Formação Profissional Terapêutica, visando a expansão de consciência dentro dos oito aspectos da mente); as MENTORIAS (espirituais e filosóficas para a quebra de paradigmas e eliminação do sofrimento); a publicação de LIVROS DE AUTOAJUDA, bem como eventos de PALESTRAS e CURSOS DE IMERSÃO com temas de alcance popular, tais como ansiedade, espiritualidade, criança interior e adultos infantilizados, depressão, superação nas adversidades e como se reinventar.

Sendo Escritor, Poeta, Mentor e Pensador, residindo no Canadá por tantas décadas e bebendo conhecimento da India e de outras culturas, como você lê a Humanidade hoje?

Percebo as pessoas perdidas e buscando se encontrar, para encontrar a paz que é só delas; mais abertas à cura interior, buscando o equilíbrio emocional com uma abertura espiritual. Quem não se conhece não é feliz. No Retiro Bioplenitude a gente se retira do mundo e das expectativas que o mundo e nossos pais colocaram sobre nós, voltando para a casa interior, reencontrando liberdade pela libertação do passado. A gente sente alívio existencial, ao saber que podemos fazer isso por nós mesmos, seguindo a trilha ali vivenciada com clareza, gentileza e pertencimento. Este treinamento é água divisória de crescimento na vida de milhares de pessoas. A próxima edição será em Novembro deste ano, na região de Ribeirão Preto.

Você poderia nos dar algumas dicas sobre este caminho de autoconhecimento?

Tudo o que aprendi, eu compartilho. Demonstramos que quem sofre é a mente, autorrealização é melhor do que ser feliz, somos seres multidimensionais vivendo processos de aprendizagem além da razão, não existe crescimento fora da zona de conforto pois estabilidade é uma mentira, que a velocidade da morte é a mesma velocidade da vida, que as sementes que você lança no mundo deveriam antes ser lançadas em sua Alma, que quem procrastina está procrastinando é a si mesmo, que quando você não se aprovar estará agindo a partir deste lugar de fraqueza.

Cite 3 provérbios populares estrangeiros que podem nos fazer refletir.

África do Sul: espero que a morte o encontre vivo quando vier busca-lo. Líbano: se você descobre que está montado em um cavalo morto, a única coisa a fazer é descer dele. China: se sua mente é forte, todas as coisas difíceis se tornarão fáceis; se sua mente é fraca, todas as coisas fáceis lhe parecerão difíceis.

Deixe-nos sua mensagem final.

Você pode mais do que pensa. Você não precisa ser escravo das circunstâncias. Basta não precisar de si para ser feliz e ler a realidade interior como ela é. O que você chama de amor, pode ser carência. O que você chama de justiça, pode ser revolta. O que você chama de verdade, pode ser narrativa. Aprenda a dar nome aos bois. Você pode ser luz e ter lucidez neste mundo caótico, ao questionar tudo e todos. Você irá se surpreender com o universo escondido dentro de si.

bioplenitude

Um final de semana em Retiro Espiritual.
A paz interior e o equilíbrio emocional te esperam!

RETIRO BIOPLENITUDE

22, 23 e 24 de Novembro

+55 (16) 99182-3182 (Patrícia Baylon)

PRÊMIO MELHOR REDAÇÃO DO CONCURSO “ESCREVENDO MEMÓRIAS”.
GANHOU UM RELÓGIO DIGITAL

PREFEITURA MUNICIPAL DE PASSOS
SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO - SME
SECRETARIA DE CULTURA E PATRIMÔNIO HISTÓRICO

Concurso “Memórias”
Categoria: Ens. Fund. Anos finais (6º ao 9º ano) e Ens. Médio - textos

A antiga casa da vovó

Quando eu era pequeno os meus finais de semana eram no Sítio da vovó. Lá o tempo parecia passar de um jeito diferente.

Ao acordar, sentia o cheirinho de café, de pão de queijo saindo do forno, e sem contar que era um encanto acordar com o canto dos pássaros e cacarejo das galinhas que esperavam ansiosas para minha avó alimentá-las.

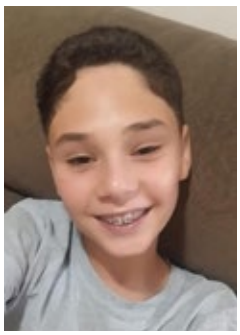
Em uma casa simples, com o chão de cimento queimado lembro como se fosse hoje que minha avó encerava o chão e meus pés ficavam manchados da cera verde.

No quintal da casa havia um pomar de frutas como: abacate, jabuticaba e laranjas. Passava muito tempo no pomar, comendo frutas, rastelando as folhas e subindo em árvores.

Que saudade do riacho! Águas cristalinas onde eu e meu irmão ficamos tentando pegar os lambaris e descobrimos pela minha avó que eram girinos.

Corria descalço atrás do vovô sempre tentando ajudá-lo e ao anoitecer, já cansado, era hora de escutar as belas histórias do vovô sentado no banco de madeira.

Faz muito tempo que meus avós não moram mais no sítio, mas ainda os visito de vez em quando para reviver cada cena dessa época tão feliz. Um lugar cheio de alegria, amor e repleto de boas lembranças que carrego comigo.



Sou João Miguel Silva, nascido em Passos/MG no dia 21/01/2013.
Sou filho de Wagner Pereira da Silva e de Franciela Aparecida Silva e tenho um irmão de 8 anos que se chama João Lucas Silva.
Sou aluno da Escola Municipal Professor Hilarino Moraes e estou cursando o 6º ano.
Gosto de andar de bicicleta, soltar pipa e brincar com meus amigos na rua.

ESCOLA MUNICIPAL PROFESSOR HILARINO MORAES
DIRETORA: KENIA ALBA MARTINS

EVENTO ESTE REALIZADO PELA SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO E SECRETARIA DE CULTURA DE PASSOS MG.

20 ANOS NUTRINDO CORPO E A ALMA DOS PARTICIPANTES

Há 20 anos, nascia o Café de Luz, uma vibrante ação social voltada para a assistência aos mais necessitados, tanto no campo material, quanto no espiritual. Realizado semanalmente aos sábados por voluntários, o café tem como objetivos alimentar o corpo e a alma de todos os participantes. Ele é um dos 25 projetos realizados pela Associação Espírita Cáritas na cidade de Passos, atendendo moradores dos bairros Novo Horizonte, Belo Horizonte, Bela Vista, Nações, Santa Luzia e Serra das Brisas.

A Associação Espírita Cáritas incentiva essa ação, fornecendo suporte administrativo e cedendo espaços adequados, como a cozinha para o preparo dos alimentos. Os voluntários arrecadam materiais por meio de doações ou compras e preparam, com carinho, um café da manhã composto principalmente por pão com manteiga, leite achocolatado, café e quitutes. Em ocasiões especiais, como o Dia das Mães ou das Crianças, são oferecidos cardápios elaborados e, às vezes, shows de música.
Além do alimento físico, os participantes recebem o espiritual em cada encontro, com leituras e explicações de passagens do evangelho, contextualizadas para o dia a dia. Isso proporciona momentos de reflexão, espiritualidade e conforto emocional. O Café de Luz busca não apenas saciar a fome, mas também iluminar vidas com palavras de fé, esperança e amor, criando um ambiente acolhedor.

"Essa experiência comunitária fortalece os laços dos participantes com os ensinamentos cristãos, promovendo um senso de pertencimento e uma conexão profunda com os valores do evangelho. É um espaço onde espiritualidade e solidariedade se entrelaçam. Cada encontro é uma oportunidade para nutrir corpo e alma, fortalecendo a fé e reforçando valores essenciais para a convivência em família e em sociedade", explica Silvia Rodrigues, presidente da Associação Espírita Cáritas de Passos.
Espiritualidade e solidariedade: conheça a Associação Espírita Cáritas

A Associação Espírita Cáritas iniciou suas atividades em 25 de dezembro de 1975. Desde então, os projetos cresceram e atualmente são realizadas 25 ações que proporcionam conforto espiritual e social às comunidades de Passos. Os atendimentos abrangem diversas necessidades dos moradores, incluindo visitas domiciliares, suporte a moradores em situação de rua, arrecadação mensal de mais de 350 cestas básicas, bazar, evangelização infantil e adulta, diálogos fraternos, entre outros.

Atualmente, a creche é o maior projeto da associação, atendendo crianças de 6 meses a 6 anos de famílias de baixo poder aquisitivo. São 130 alunos, incluindo 42 bebês, que recebem atenção necessária para o desenvolvimento físico, afetivo, cognitivo, linguístico, social e cultural. As crianças ficam das 7h às 16h, recebendo atenção, carinho, quatro refeições diárias e banho. A creche também oferece estrutura com psicóloga e assistência social,

colaborando para a redução futura de possíveis problemas e proporcionando tranquilidade para que as mães possam trabalhar.

Contribua para a Associação Espírita Cáritas

O desenvolvimento de todos os projetos tem como horizonte a prestação de assistência social, educação, inclusão e respeito ao ser humano. Atualmente, a Associação Espírita Cáritas conta com o apoio de repasses de verbas públicas que garantem a manutenção de diversas atividades. Porém, para a continuidade e ampliação dos projetos, a organização precisa contar com o recebimento de doações e de trabalhadores voluntários.

Para fazer parte dessa rede solidária como voluntário ou doador, entre em contato pelo número **(35) 99829-0832** ou faça uma visita na Rua dos Engenheiros, 680, Bairro Belo Horizonte. O atendimento é das 7h às 16h.

Alberto Calixto Mattar Filho
Passos-MG

"A terceira margem do rio", de Guimarães Rosa.

Dia desses, ao ler a crônica do antropólogo Roberto Damatta, na qual ele menciona o famoso conto de Guimarães Rosa e até o usa para fazer um link com a atual situação política do Brasil, me lembrei de que, há anos, inclusive nos meus tempos de professor, utilizei "A terceira margem do rio" para demonstrar aos alunos a riqueza dos textos literários.

Sim, pois, nessa pequena criação, que não passa de seis páginas, temos um ótimo exemplo do estilo único de Guimarães Rosa, que, ao se basear na vida corriqueira dos sertanejos, também nos oferta todo um cenário em que sobressaem profundas questões existenciais.

O clássico "A terceira margem do rio" integra seu livro "Primeiras estórias". Publicada em 1962, a obra possui 21 desses pequenos textos que, além de belos, servem para introduzir os leitores a obras maiores de Rosa, como o fenomenal romance "Grande Sertão Veredas" e o também consagrado livro de contos "Sagarana". Bom, impossível ler a "A terceira margem do rio" sem que sejamos convidados a refletir sobre os motivos que levam um sertanejo a surpreender totalmente sua família ao tomar e concretizar uma drástica decisão: encomendar para si uma pequena canoa com material duradouro, a fim de que ele pudesse se lançar nas águas do rio com o exclusivo objetivo de somente remar de uma margem a outra para sempre.

Observado, a todo instante, por um dos filhos naquele movimento eterno, lá estava o homem na canoa, de lá para cá, de cá para lá, sem jamais demonstrar nenhum ato que sinalizasse um possível retorno para casa. A surpresa foi geral. As conjecturas dos vizinhos foram imensas. Teria endoidecido? Teria alguma doença grave e resolvera se afastar de tudo? Acabaria se arrependendo e logo voltaria para os braços da família?

Mas nada. Lá se mantinha o homem em sua canoa, no mesmo ritmo, no mesmo e constante ato de remar de um lado para o outro e sempre aos olhos do filho, que passara a lhe deixar, em barrancos próximos às águas, um reforço de alimentos, já que ele não havia levado muita coisa para comer. O que o movia realmente era a ação repetitiva de ir e vir, sem planos e sem volta.

Os anos se passaram, a vida da família transcorreu, uma de suas filhas se casou, vieram netos. Sua mulher e outros filhos também se mudaram para outras paragens. Inevitável o fluir do tempo, das circunstâncias. Apenas aquele filho que sempre o observava não o abandona, nem jamais se esquiva de procurar razões para tentar compreender atitude tão surpreendente.

Já com o próprio peso dos anos que o atingiam, ainda assim o filho permanecia a buscar causas e até a propor soluções para o antigo desatino do pai. A tal altura do conto e sob seus fluxos de consciência,

já nem se sabe se o homem ainda era vivo ou não. Talvez já não passasse de uma imagem espiritual a perseguir os pensamentos daquele obstinado filho, que só vê aumentar suas angústias.

"Pai, o senhor está velho, já fez o seu tanto... agora, o senhor vem, não carece mais...o senhor vem, e eu, agora mesmo tomo o seu lugar, do senhor, na canoa!..."

Até que em um desses delírios, o pai surge e, do seio do rio, lhe estende os braços, mas então o filho se arrepia, se assusta e resiste a prosseguir. "E eu não podia...por pavor, arrepiados os cabelos, corri, fugi, me tirei de lá, num procedimento desatinado."

Após tudo, restam-lhe as dores de consciência e as indagações que faz a si mesmo. Se seria digno depois de se evadir dos propósitos que mantivera em relação ao pai. Se sua existência conservaria o sentido, enfim.

Eis a essência de "A terceira margem do rio", um texto bastante simbólico e que desperta estudos e teses em razão das possibilidades de interpretações que contém. Ao me valer de dizeres mais técnicos, um texto polissêmico, já que a literatura costuma propiciar obras de significados múltiplos.

De fato, em pouquíssimas páginas e por meio de uma atmosfera tão simples, Guimarães Rosa nos oferece, em "A terceira margem do rio", penetrantes alcances de vida, morte, religiosidade, psicologia e relações entre pais e filhos envoltas em culpa e perdão, tudo com os requintes da sua linguagem típica.

Alberto Calixto Mattar Filho, articulista da Folha da Manhã (www.folhadamanha.com.br) há mais de 20 anos, é graduado em Letras pela FESP (Fundação de Ensino Superior de Passos), hoje absorvida pela UEMG (Universidade do Estado de Minas Gerais) e foi professor de Língua Portuguesa e Redação também em Passos-MG, por 18 anos.

Atualmente, é servidor de carreira da Justiça do Trabalho, instituição na qual ingressou por concurso público em 1993. Já em 1996, começou a cursar Direito na mesma UEMG e concluiu o bacharelado em 2000. Em 2001, realizou as provas da OAB e obteve aprovação.

Em 2006, concluiu especialização em Direito e Processo do Trabalho. Em 2017, publicou seu primeiro livro, que representa uma coletânea de 50 textos sobre obras literárias, com excelente repercussão. Em 2023, publicou o segundo, com 60 textos e também com ótima aceitação.

O segundo volume está disponível em vários sites pelo Brasil, inclusive o da Amazon.

Contato do autor para aquisição:
WhatsApp 35 9 9981-4290.
Instagram: @mattaralberto.

Jardim

Sabrina Moura

Superei melancolias com palavras, sempre
mas hoje elas me faltam como água
no árido chão
o deserto está em minha pele
e em meus olhos
Umidifico a casa
fecho as janelas para conter o ar seco
Molho minhas mãos em sonhos antigos,
mas meus olhos
não derramam uma lágrima sequer
água o dia inteiro em goles pela garganta
bebo e sim
sinto meus poros dilatar, dilatando
as pupilas secas
É bom sentir-se viva
Flores roxas brotam na pele
O jardim dos sentimentos.

Sabrina Moura é escritora e gestora cultural, formada em Administração de Empresas pela Laney College, em Comunicação Social pela Universidade Metodista de Piracicaba, em Letras pela Universidade do Estado de Minas Gerais. Possui especialização em Gestão Cultural pelo Centro Universitário SENAC. Atualmente é mestranda em Estudos Literários pela Universidade Federal de Minas Gerais. É a idealizadora da "Mostra Tunin de Teatro de Rua", evento multicultural que acontece anualmente na cidade de São José da Barra (MG). Desenvolveu trabalhos no campo literário, tendo dois livros publicados, e no campo audiovisual, tendo dirigido dois filmes, sendo um deles "Ramas Serranas e Contos da Terra", lançado em 2024.

Caminhar

Simone Reis

Não pare de caminhar se alguém lhe virar as costas ou soltar as suas mãos.
Confie em você mesmo, talvez essa pessoa só lhe tenha permitido chegar nesse ponto.
Nesse caminho, daqui para frente, você terá que caminhar sozinho.
Não abaixe a cabeça, olhe para o céu e diga: eu vou vencer, eu consigo, eu confio em mim mesmo.
No caminho dessa vida que aqui cheguei para viver, nasci, cresci e estou certa de que um dia vou voltar de onde vim.
Sem medo de lutar, aprendi a cair e levantar mesmo com as lágrimas nos olhos, mesmo quando me fecharam as portas, não tive medo de começar tudo de novo.
Sou uma águia, quero voar alto para estar onde quero chegar, talvez a vida vai lhe mostrar que você tenha que caminhar e lutar sozinho.
Lembrar que você se entregou ao mundo sozinho e voltará sozinho.
Não se preocupe se nessa caminhada alguém que lhe deu as mãos para lhe ensinar a caminhar num determinado caminho e hora ela soltar e deixar você caminhar sozinho.
Lembrar que a missão e a caminhada são somente suas.
Acredite em você mesmo.

Meu nome é Simone Reis, sou do Rio de Janeiro, sou viúva, mãe de três filhos, Marcus Vinicius Reis (em memória), Emanuelle Reis Magalhães e Gabriel Reis. Sou diarista, foi a forma que encontrei de criar meus filhos e me sustentar, mas agora, além disso, eu sou uma escritora, que sempre foi um grande sonho meu. Escrevo poemas desde 2006, esse ano tive a chance de participar antologias e trazer um pouco de mim em cada uma delas.

CRONICARDEIA

CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA

POR BENEDITO JOSÉ

Não existe uma civilização brasileira. Nós não temos uma visão coletiva, não nos movemos como um só bando de aves com um objetivo comum e respeitando as lideranças, ou seguindo um projeto de futuro escolhido por todos. Nós não geramos pensamentos, apenas os desconstruímos com a força cega das opiniões, ora nos desprezando culturalmente, ora imitando e copiando outros países. Nunca valorizamos nossos talentos e riquezas, nem nossa inteligência individual, na hora de materializar recursos para as necessidades básicas. Mesmo assim temos talentos que até a Nasa deveria estudar. Nossa cultura não é brasileira, ainda é a estrangeira, entregando de bandeja nossos recursos valiosos, nossa autonomia, nosso futuro. Damos aos filhos, nomes americanos quase impronunciáveis e vestimos a moda estrangeira, montando a casa com produtos da China. Na justiça aplicamos o Direito Civil Romano e nas ciências humanas importamos toda a Europa de uma só vez. Somos uma cultura com péssimos hábitos de leitura e, por não ler tanto, pouco pensamos e nos deixamos ser facilmente pensados e explorados ao trocar o discernimento pelo julgamento. Nós não temos uma ideologia política nacional, não temos teorias econômicas voltadas para o mercado brasileiro, não temos o carro brasileiro, não valorizamos pesquisas nem sustentabilidade, pois mal temos o cidadão brasileiro. Cidadania foi sequestrada pelas ideologias. Educação virou refém de partidos políticos e de cultura woke. Produtividade nunca fez parte de nosso radar empreendedor. Tornamo-nos inconsequentes com nosso destino, como se futuro não se construísse hoje. Um sistema político-econômico mundial que destrói a natureza pelo lucro, envia-nos a mensagem de que devemos também destruirmos uns aos outros para perder nossa integridade e sermos reduzidos a números ou escravos econômicos. Somos usados por algoritmos para entregar nosso tempo à tecnologia voraz. Por isso fica tão fácil nos perder em consumismo, em escolhas políticas erradas e na mentalidade da escassez. O que realmente importa não nos importa. Se mais de duzentos milhões de brasileiros, desunidos, não conseguimos resolver os problemas básicos e estruturais, é sinal de alerta para que mudemos nosso nível de consciência, se quisermos construir um novo Brasil. Precisamos prestar mais atenção e dar mais cuidado às dinâmicas de relacionamento entre as pessoas, mas, antes de tudo, precisamos voltar a valorizar a vida humana. Precisamos reformular nosso sistema político presidencialista para que atenda aos interesses brasileiros, ou talvez abandonar nossa dependência de governos para formar grupos comunitários, com iniciativas que transformem nossa realidade para melhor. Termino este artigo lembrando as palavras fatídicas de Tancredo Neves: “Nós não vamos nos dispersar”. O problema é que nos dispersamos e nos perdemos de nós mesmos.

Benedito José, natural de Passos-MG, é Escritor, Palestrante, Mentor de Consciência e Multi-artista. Autor dos livros Outono, Rosa & Delírio; Teoria da Paz e Reorganização Pessoal; A carroça das sete viagens; Terapia dos Barbantes. Divide seu tempo e atividades profissionais entre Brasil e Canadá, semestralmente.

Remetente: Obra Rejeitada

Destinatário: Artista Fracassado

André L. Nascimento

Eu não fui o filho perfeito.
Eu não sou.
Eu nunca serei.
Não tive exemplo, vim moldado torto, um vaso de barro vagabundo que ficou no forno por sete meses – e esse forno nem existe mais; queimou. Os artistas – um morto; o outro, distante, esqueceram-se do produto final, ele dava vergonha. Veio com cores demais por dentro e obscuro por fora. Era só a falta de luz, o mofo pelo esquecimento. O artista que restou, pois a dupla já não dançava mais a mesma valsa, bem, acho que ficou sorumbático, triste demais para ver beleza na vida, e tentou encontrar outra musa. Parece que eles sempre são assim, dependem destas mulheres hipnóticas para seguirem em frente, mas eu mesmo confesso que nunca mais vi felicidade nos olhos dele. Soam baços até hoje e nada que ele produz o preenche ou satisfaz. É o típico palhaço choroso do circo onde ele é a principal atração, e sua musa debocha de sua desgraça enquanto estala o chicote.

Eu não cabia naquele palco, nós, com aquarelas inteiras por dentro, nunca cabemos. Somos peças de arte que chamam atenção demais, brilham em demasia e iluminam em exagero o ambiente. Nossos criadores preferem a discrição, idolatram esculturas que se encaixam melhor em sua parnasiana normalidade, o tedioso e monocromático pincelar de cores que não agridam aos olhos alheios.

Nós temos cores demais, e nossos artistas nos odeiam.

Abominam a própria criação. Então, escondem-na em um porão qualquer, onde a vista não alcance.

Podemos manchar sua reputação.
“O que deu nele? Olhem este quadro? Que aberração! Que vulgar!
É um homem? É uma mulher? Uma escultura? É uma blasfêmia! Deus não gosta disso! Queimem, queimem!”

Então, lá ele me esqueceu. O tempo passou, veio uma obra nova, num dia de rara felicidade do pobre coitado, iludido, acreditando que seria feliz. Aquele era o quadro perfeito, sóbrio, uma cor, não espantava, não gerava crítica, assombro, dúvidas, muito menos regurgitava pensamentos.

O artista estava feliz.

Voltou a se encaixar nos círculos normais de seus amigos. Sua obra não era mais motivo de deboche.

Cabia a mim encontrar outros como eu, em alguma ruela, dessas de artistas magrelos, falidos, com perfume de cigarro molhado vagabundo, que juram que suas roupas exóticas lhes conferem inteligência. Mas foi ali que descobri que toda arte é bela, é profunda, necessária e desejada, senão pelos olhos cegos, por aqueles que transcendem a tela e amam a essência.

Eu sou só a imagem incompreendida. A tinta correta no pote errado.

Eu sou retrato complexo, pintura infantil em um quadro de guerra; um grito calado. E me ensinaram a vida toda que eu estava errado. “Engrossa essa voz; cadê a barba, o pelo no peito? Não rebola! Brinca de bola! Tá pegando as menininhas?”

Eles são os pintores de quadros, os que ditam a moda, e ai de você se é diferente. Tem sido assim por séculos. Olhem lá as correntes literárias, as obras de arte... Quando um tal de Barroco resolvia questionar demais, chamar atenção aos berros, vinha um

Arcadismo trazer de volta os bons costumes clássicos de antigamente.

Hoje, eles nos calam de outras formas: com lâmpadas, pauladas, pedradas, tijoladas...
"Você pode ter quantas cores quiser, mas não chame a atenção, seja discreto", eles dizem.
Então, que tipo de arte eu sou, que precisa se conter? Só pode ser branco, preto ou cinza?
Eu sou o arco-íris, eu sou vida, eu sou alegria, eu quero explodir felicidade e gargalhada aonde quer que eu vá. Não quero ficar esquecido no fundo da loja.

"Olha, esse aqui veio com um defeitinho; está na promoção, pode ser levado pela metade do preço... se combinar com a sua casa, claro."

Porém, se não combinamos com sua casa, somos jogados pela porta, no primeiro lixão. E não há obra de arte que resista à chuva, ao abandono, ao desmazelo. Embolora-se. Apodrece. Morre.

"É uma geração perdida!", gritam a plenos pulmões. Não. Nós sabemos muito bem quem somos. Somos uma geração esquecida, é elementar, caro Watson; tipo a poeirinha empurrada para baixo do sofá para a visita não ver. Tentamos gritar todos os dias, nas escolas, nas ruas, nas filas de emprego, nos parlamentos, no Tik Tok, nos gráficos de violência, onde a única cor que somos é vermelho. Ainda assim, mesmo sendo telas cheias de cores e vida, vocês ainda passam reto por nós, porque preferem apreciar a banalidade do comum, do aceito por seus deuses internos, moral e bons costumes. Então, saímos da exposição.

Não se exponha.
Não use vestido, não use batom, não seja afeminado; não faça corte Joãozinho, menina. Não case, não transicione. Não seja Salvador Dalí; seja Mona Lisa recatada e do lar.

Há de chegar o dia em que galerias e museus serão apenas nossos. Seremos os quadros mais lindos que ainda guardarão as cores de outrora em um mundo cor de chumbo, de lixo, poluição, cinza e chuva ácida. Seremos a única lembrança de que um dia houve alegria, houve amor genuíno, que ia além da carne e dos olhos, aqueles capazes de amar a alma, não a capa falsa a embalar defuntos por dentro.

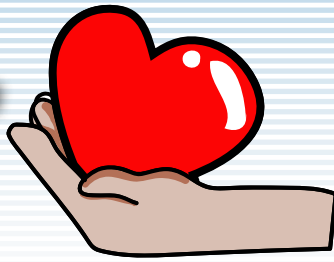
Um dia, vocês vão se lembrar de nós, os arco-íris que ficaram vermelhos com suas mãos de sangue, de como só queríamos ser amados, a pintura favorita de nossos musos, criadores apaixonados, mas fomos borrados, rejeitados, pois não havia parede para nós. E quando isso acontecer, querido pintor, não se esqueça de que sou tua criação, e se espanto ou envergonho, o fracasso jorrou da tua mão.

Uma homenagem a Pedro, gay, preto, 14 anos, que decidiu finalizar a vida no dia 12 de agosto de 2024 nos trilhos do metrô de SP por não mais suportar o bullying sofrido na escola. Que mais obras de arte como Pedro não sejam esquecidas nos porões de antiquários sombrios.

André L. Nascimento

Tradutor, professor de inglês, escritor e desenhista, é autor de O Coelho, finalista nos prêmios Reflexo Literário e Ecos da Literatura, e O Bicho. Formado em Letras pela Unimes, Matemática pela UEMG e Inglês pela Oxford London, é um vegano que luta por um planeta mais justo e sustentável, além da causa animal.

Tenho minha fé, mas não acredito nestas curas



Não foi na fila da Casa de Caridade que ouvi, desta vez, um relato muitíssimo interessante. Um senhor de meia idade estava ali naquela cidade para que a sua mãe, sofredora de muitas dores nos joelhos, e que já precisava andar de bengala e por vezes, acometida de crises terríveis, de estar se locomovendo de cadeira de rodas. E isto lhe trazia desconforto pois ainda gostava muito de fazer as coisas, cozinhar, visitar amigas e mesmo ir ao mercado para as compras de sua casa. Ela vivia em uma casa com o marido, por sinal muito religioso e de uma fé inabalável. Lia e relia a bíblia assim como o filho.

Ele me dizia que a sua mãe ali estava mas, embora afirmasse ter fé, zombava de que na casa fraterna, obteria a cura de seu incomodo nos joelhos. A sua mãe estava em uma cadeira de rodas ali bem perto de nós e, após o filho me confidenciar sobre as atitudes de sua própria mãe, sem querer passei a perceber que era verdade a afirmação. Tinha um pequeno sorriso amarelo, tipo daqueles de quem desdenha de algo, só não entendi porque ela então aceitara ali estar a procura de cura. Achei muito estranho porque uma coisa não combinava com outra, mas não expressei o meu pensamento embora ele fosse de que, se não tem fé não vai acontecer nada em termos de cura. O remédio e a fé andam juntos e são uma única coisa, através da caridade ali proporcionada pelos Anjos de Jesus, seus dignos representantes.

O marido, notadamente silencioso, nada opinava. Apenas lia com bastante atenção um livro que o filho adquirira no dia da consulta da senhora sua mãe. Era o título Evangelho segundo o Espiritismo, obra que já está na 16 edição aqui no Brasil e foi escrito na Franca séculos passados. Quem o conhece, como eu conheço, pois já o li e está na cabeceira ao lado da Bíblia da familia, sempre me mostrou que os textos se unem com uma facilidade incrível. Como a Bíblia foi escrita e se apresenta na linguagem da época, este livro-evangelho nos apresenta uma linguagem atual e nos dá uma compreensão melhor dos fatos. Depois de lido uma primeira vez, recomenda-se que, ao desejar renovar conhecimentos, se abra em qualquer capitulo para ler.

A cada vez que o leio, clareia-me mais ainda os fatos descritos na história de Jesus, nosso Mestre.

Voltemos ao relato do filho da senhora... Ele nos disse, que embora ela fale não crer na cura, naquele dia da consulta ela já mudara significativamente suas ações se mostrando mais flexível, mais doce, dialogando mais com a família e, estando ali para a cirurgia Espiritual, mostrava que a fé verdadeira estava lhe fazendo visitas, com certeza! Seu filho, que aliás se mostrou a nós como um grande conhecedor da palavra de Deus, nos citando a cada momento enquanto o assunto evoluía, passagens da Bíblia com precisão e comentando-as com firmeza.

A cirurgia Espiritual se realizou naquele dia...

... Algum tempo depois me encontro com o filho da senhora que nos afirmou que a sua mãe tem agora a fé necessária e a usa para relatos ao próximo, que os joelhos estão bem melhores e já pode caminhar não usando mais a cadeira de rodas, ao que concluímos realmente A FE MOVE MONTANHAS!!!

História verídica extraída do livro

Na próxima edição, leiam mais um relato de cura pela fé.

Minhoquêta em:
SP 2000, que poluição!!!
vou morar em S.P.
S. PAULO
mas, não é possível!
Tchau mesmo! Volto prá Minas
MG
PARADA

MANTO DE NUVENS

Dom Nuno Henriques Barroso

Manto de nuvens,
Do céu onde habitam os
Deuses no monte Olimpo,
Templos eis erguido
Nos reinos de Zeus.
Lá para os lados da Atlântida esquecida,
Eu, vestido de alma de Apolo,
Em atlânticos de sonho,
Cruzei os mares de Poseidon,
Voando em busca da lira perdida.
Sou meio Ares, meio Dionísio,
Meio guerreiro, meio deus, meio humano, meio anjo da música.
Zarpei para as terras dos vulcões,
Deixando melodias e canções,
Onde Hefesto, com seu fogo
E sua lava, ergueu um paraíso na Terra,
Feito lava ardente do ventre-mãe de Afrodite.
Hermes te roubou aos céus
E te entregou aos humanos,
Conferindo-te a divina força.
Dionísio fez da vida carne e pedra de sal,
E as videiras da vida e o sangue de Jesus
Te deram a vida eterna e a alegria.
Da ilha de Cristo, a terceira
Dos Açores.

Conheça o artista *Dom Nuno Henriques Barroso*

Nascido Portugal, Lisboa no dia 23 de Março do ano de 1977.

Como cantor e autor-compositor é mais conhecido pelo nome de Nuno Barroso.
Formado na escola de tradição russa no conservatório de música de 8 grau.
Estudou ainda no prestigiado London College of Music Film Music.
Como artista musical alcança vários êxitos na década dos anos 90 com a banda Alémmar, tendo sido o nº1 em Portugal, e conquistado o Disco de Ouro. Tendo sempre privilegiado temas em língua portuguesa.
Tendo também a atividade de produtor musical e compositor de temas para outros artistas portugueses.

Atividade, Prémios e Galardões:

Presidente do Rotary Clube de Mafra
Autarca e político independente eleito em Mafra na Freguesia da Calervoeira.
Embaixador do CRIT e de variadas instituições de solidariedade.

Prémio 600 anos do governo regional da Madeira
Prémio da Cidade de Viseu
Prémio da Cidade Torres Novas
Prémio personalidade canta-autor do ano 2019 pelo concelho Mafra.

Disco "Alémmar" - 1998 - Cd Ouro
Prémio Melhor Tema Original de Genérico para Televisão - 2009
Emmy Award Winner da Novela "Meu Amor" - 2011
Nuno Barroso "Amigos e Duetos" - 2018 - Cd Ouro

Em poesia com o heterónimo de Dom Nuno Henriques Barroso recebeu as seguintes distinções de literatura:
Academia de artes ciências e letras de Iguaba Grande Rio de Janeiro.
Prémio mundial César Vallejo 2020 de Excelência artística.
Prémio Louvre da Lusófonia - Personalidade do ano 2022 pela editora Literarte e Academia Luminescence.
Prémio de Literatura Portugal e Brasil – Núcleo de artes e Letras de Portugal e Editora Literarte do Brasil

Comendas de Literatura:
José Saramago
Ludwig Van Beethoven
Dom Pedro II Imperial do Brasil

A música, o canto, a composição e o piano é a sua grande paixão assim como a escrita e a poesia.

Uma Princesa com Síndrome de Down - Alexandrine da Prússia

Izabelle Valladares

Caros leitores da revista Ardeia, para quem não me conhece, sou historiadora e escritora e trago comigo a bandeira da inclusão sempre. Há poucos dias escrevi na minha página no Facebook (Izabelle Valladares e a História para Curiosos) uma matéria sobre a Segunda Guerra Mundial, abordamos o terrível extermínio de pessoas com a condição genética Trissomia 21, conhecida como Síndrome de Down. Infelizmente, muito antes de Hitler, essa condição já era tratada como uma "vergonha" ou maldição para algumas famílias. Esse estigma era especialmente comum na nobreza, onde muitas crianças foram mantidas escondidas em masmorras ou torres, afastadas do olhar público e até mesmo dos familiares. A primeira família imperial a aceitar a diferença genética de sua filha foi a da Prússia. Alexandrine, nascida em 1915, era filha de Cecilie, esposa do Príncipe herdeiro do Império Alemão, Guilherme. Alexandrine Irene, carinhosamente chamada de Adini pela família, foi desejada desde o início da gestação. Em um lar com quatro meninos, ela era a primeira filha do casal.

Adini foi diagnosticada com a síndrome logo nos primeiros dias de vida. Diferente de outras famílias nobres que escondiam seus filhos com deficiências congênitas, como o príncipe João do Reino Unido, seus pais nunca pensaram em ocultar a condição da filha. Assim como o Conde d'Eu e a nossa Princesa Isabel, que nunca esconderam o fato de que seu primeiro filho, após uma complicação no parto, perdeu o movimento do braço direito devido ao uso de fórceps, Adini também teve uma infância feliz, ativa e tranquila. Seus pais sempre exigiram que ela recebesse a mesma educação e amor que seus irmãos.

A princesa era retratada em todas as fotos da família e chegou a ser dama de honra em um dos casamentos de seus irmãos. Entre 1932 e 1934, Adini frequentou a Escola Especial Trüpersche, dedicada à educação acadêmica e artística de crianças com deficiências físicas e mentais. Em 1945, ela adquiriu uma casa no sul da Baviera, onde viveu tranquilamente até sua morte em outubro de 1980. A princesa viveu até os 65 anos, superando em muito a expectativa de vida para pessoas com Síndrome de Down na época.

O que acontecia com deficiências ao longo da História? Infelizmente, foi uma trajetória marcada por sofrimento e exclusão. Na Grécia Antiga, crianças com deficiências eram abandonadas nas florestas para morrer, enquanto em Roma havia leis que ordenavam sua eliminação. Na Idade Média, algumas culturas associavam pessoas com deficiência à bruxaria, enquanto outras as viam como seres angelicais e sagrados. Na Alemanha nazista, Hitler ordenou sua eliminação, e o médico responsável afirmou que os deficientes enfrentaram o "silêncio mais doloroso" nas câmaras de gás. Eles sequer reclamaram.

Alguns estudos indicam que pessoas com Síndrome de Down existem há mais de 5.200 anos. No México, estatuetas olmecas mostram figuras com a síndrome sendo adoradas como deuses, acreditando-se que eram filhos de mulheres e do jaguar, um animal sagrado com olhos puxados. O pintor Andrea Mantegna, que teve 14 filhos, teria retratado um de seus herdeiros com Síndrome de Down em várias de suas obras.

O tempo passa e a história nos ajuda a esclarecer injustiças e momentos tristes, mas é essencial que não os esqueçamos para que não se repitam. Ensinem seus filhos, sobrinhos, alunos e netos a respeitar as diferenças. Muitos de nós, há cerca de vinte anos, não convivíamos com crianças especiais nas escolas, o que gerava olhares que certamente constrangiam nossos pais, que também não tiveram essa convivência. Ensinar é o caminho. Aceitar é uma questão de respeito, não de escolha.

Graças à inclusão, hoje esse convívio é possível e salutar. Nossos filhos encontrarão essas pessoas especiais muitas vezes ao longo de suas vidas. Ensine seu filho a ter empatia, respeito e solidariedade. Crianças com necessidades especiais precisam apenas de um pouco mais de tempo para serem

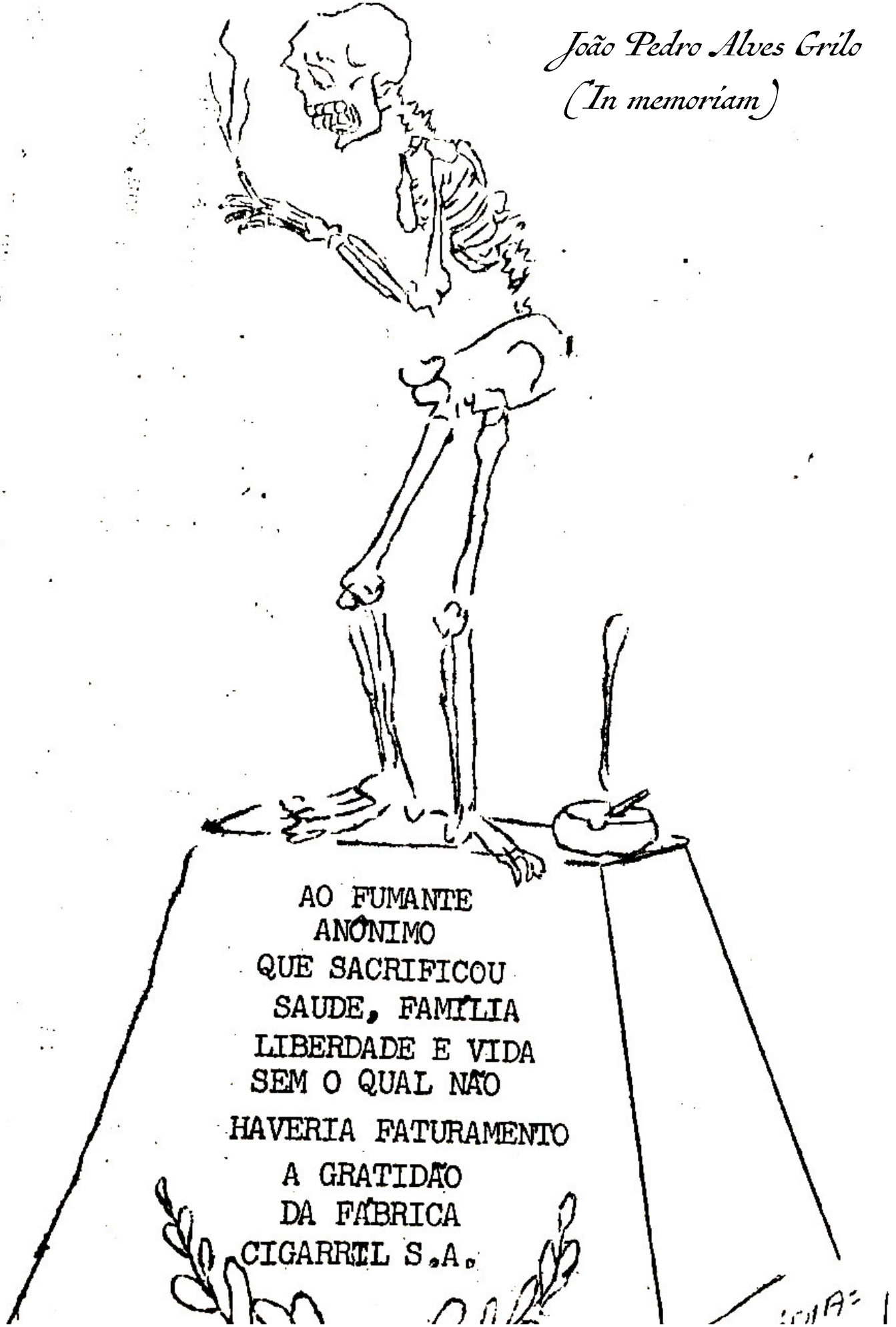
compreendidas e de um pouco mais de tolerância, de convites para compartilharem o mesmo espaço e caberem no mesmo abraço!

Todos precisam de amor e bondade.

#inclusão #sindromededown #autismo #serdiferenteénormal #respeito #amor #empatia

Texto de
Izabelle Valladares

João Pedro Alves Grilo
(In memoriam)



CALÇANDO MEMÓRIAS

POEMA DEDICADO AO ESCRITOR
SEBASTIÃO WENCESLAU BORGES,
HOMENAGEADO DA 8ª FLIPASSOS.

OS LIVROS SAÍAM DA BOCA DE TODA GENTE:
PASSENSES OU AQUELES DE PASSAGEM,
QUE SE SENTAVAM NA CADEIRA DA FRENTE,
PARA O ESPELHO REFLETIR SUA MENSAGEM.

A BARBA SUMIA QUANDO A NAVALHA CAPINAVA,
ENQUANTO OS CAUSOS FLORESCIAM NA BARBEARIA,
ALGUNS, O CLIENTE ÀS VEZES FLOREAVA,
OUTROS ESCAPULIAM NA CORRERIA.

NÃO ERAM LIVROS SENDO LIDOS,
ERAM LIVROS ESCUTADOS,
QUE APÓS SEREM COLHIDOS,
NA MEMÓRIA ERAM PLANTADOS.

ANOS DEPOIS, OS PÉS CALÇARAM SEUS SAPATOS LUSTRADOS,
DE TODO LUGAR E DE TODA IDADE,
E COM OS OLHOS ACORDADOS,
VIVERAM MEMÓRIAS ESCRITAS DESSA CIDADE.

ADAÍLTON ALMEIDA

Qual é a música?

Carlos José Ferreira Lopes

O que seria da vida sem a música? Desde os tempos mais remotos, a música tem sido uma companheira inseparável da humanidade, ecoando por entre as eras, marcando momentos, acalentando corações e incendiando almas. Mas, afinal, qual é a melodia que embala a história dos seres humanos?

A música tem desempenhado papéis fundamentais em diversos contextos da nossa história. Na política, por exemplo, ela não só acompanhou, como também impulsionou revoluções. Quem não se lembra das canções de protesto que marcaram movimentos pela liberdade? "Grândola, Vila Morena", em Portugal, se tornou o hino da Revolução dos Cravos, representando a luta contra a opressão e pela democracia. Da mesma forma, no Brasil, "Pra Não Dizer que Não Falei das Flores", de Geraldo Vandré, tornou-se símbolo da resistência à ditadura militar, unindo vozes em um grito por justiça e liberdade.

Nos campos de batalha, a música também esteve presente, fortalecendo o moral das tropas e expressando o lamento pela guerra. Hinos de guerra, como "A Marselhesa", foram mais do que simples canções; tornaram-se gritos de identidade e resistência. Já "Where Have All the Flowers Gone?", de Pete Seeger, expressa a dor e a perda, tornando-se um ícone do movimento pacifista durante a Guerra do Vietnã.

E quem nunca teve uma música como trilha sonora de um grande amor? As canções românticas são capazes de transformar momentos comuns em memórias eternas, evocando sentimentos que palavras, sozinhas, não conseguiriam expressar. De "Something" dos Beatles a "Eu Sei que Vou Te Amar" de Tom Jobim e Vinícius de Moraes, essas melodias imortalizam sentimentos, tornando-se parte indissociável de nossas histórias de amor.

Na adolescência e juventude, a música é mais do que entretenimento; é identidade, expressão, e, muitas vezes, um ato de rebeldia. O rock'n'roll dos anos 50 e 60, o punk dos anos 70, o hip-hop dos anos 80 e 90... Cada geração encontra na música um canal para seus anseios, suas dores e seus sonhos. E, à medida que crescemos, nossas trilhas sonoras também mudam, adaptando-se às novas fases da vida, mas sempre nos acompanhando.

Os tipos de música também desempenham diferentes funções em nossas vidas. A música clássica, com suas melodias elaboradas, pode nos transportar para um estado de contemplação e transcendência, enquanto a música popular reflete nossos costumes e aspirações. A música folclórica, por sua vez, carrega as tradições e as histórias de um povo, passando de geração em geração, enquanto os gêneros contemporâneos, como o rock, o pop e o rap, dialogam diretamente com a cultura moderna e suas complexidades.

Mas a música não se limita a influenciar nossos momentos históricos; ela também molda nosso comportamento diário. Quem nunca sentiu o poder de uma música em mudar o humor, aliviar o estresse ou intensificar uma emoção? Em festas, a escolha das músicas é crucial para criar a atmosfera certa, enquanto em protestos, ela pode unificar multidões e amplificar suas vozes.

Por trás de cada melodia há um processo criativo que reflete o espírito de uma época. A música evoluiu com o tempo, acompanhando as mudanças culturais, sociais e tecnológicas. Instrumentos que antes eram artesanais agora são eletrônicos; gêneros musicais que surgiram em pequenos nichos agora dominam as paradas globais. Essa evolução contínua da música é um reflexo da própria evolução humana.

E então, qual é a música que define a sua vida? Em cada acorde, há uma história, em cada letra, uma memória. A música, mais do que qualquer outra arte, tem o poder de conectar passado e presente, unir pessoas de diferentes culturas e transformar o ordinário em extraordinário. Na próxima vez que uma melodia tocar, lembre-se: você está ouvindo muito mais do que notas e palavras. Está ouvindo a história da humanidade, está ouvindo a sua própria história.

Que possamos, então, celebrar a música, esse fio invisível que tece nossas vidas, e reconhecer nela a essência do que somos e do que aspiramos ser.

:

Carlos José Ferreira Lopes, natural de Viçosa e residente em Passos, Minas Gerais, é psicólogo formado pelo Centro Universitário de Viçosa (UNIVIÇOSA), com pós-graduações em Terapia Cognitivo-Comportamental, Psicologia do Esporte e Equoterapia. Atualmente, cursa mestrado em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente pela Universidade do Estado de Minas Gerais. Escritor amador premiado, Carlos participa ativamente da Associação dos Escritores de Passos. Casado e pai de três filhos, ele também é corredor amador e professor de artes marciais, dedicando seu tempo livre à leitura, cultura e família.

8° Edição da FLIPassos

Vinícius Borges

A 8° Edição da Feira Literária de Passos (FLIPassos) aconteceu no mês de agosto de 2024.

Durante o evento foram realizadas peças teatrais, lançamentos de livros e palestras. A edição promoveu a temática do resgate de memórias, que trouxe à tona a importância de manter a história viva e transmiti-la de forma renovada aos mais novos.

Conforme o Secretário de Cultura e Patrimônio Histórico, Denilson César dos Reis, passaram pela feira a cada dia uma média de 1500 pessoas nos diversos eventos, sem contar com o público que visitou os Stands de livros e a praça de alimentação.

“A Feira desde seu início se tornou palco para apresentações artísticas e culturais promovendo e incentivando a Literatura e a Cultura em geral. Hoje é aguardada com anseio tanto pelos escritores quanto por pessoas ligadas as outras artes para apresentar e divulgar seus trabalhos”, disse o secretário em relação a importância da feira para a promoção da cultura na cidade.

De acordo com a Secretária de Educação, Rosa Maria Cardoso Beraldo, um dos pontos positivos desta edição é o retorno dos participantes que ao terem contato com as artes através das apresentações, revelaram-se carentes desse tipo de evento.

Outro ponto importante é a valorização dos escritores passenses que através do homenageado de cada edição, aproximam o público da Literatura, pois observam que escritores são pessoas comuns. Além dos pontos principais da feira os quais são o incentivo e o despertar do gosto pela leitura e levar cultura e arte no geral para a população de Passos.

“No mundo atual dominado pelas tecnologias se faz necessário incentivar e promover práticas de leitura, pois a literatura tem grande importância para o desenvolvimento do indivíduo por ser uma prática que ajuda na formação da personalidade. O hábito da leitura faz com que as pessoas desenvolvam e ampliem a imaginação, a criatividade, o vocabulário, a interpretação do mundo e a vivência de experiências, o que contribui sobremaneira para a formação”, afirma.

Segundo a coordenadora da 8° Edição da FLIPassos, Marlene Silveira, para organizar a programação geral da FLIPassos, são convidadas as Instituições de Passos ligadas a Educação e a Cultura para se inscreverem com apresentações artísticas e culturais voltadas de alguma maneira à Literatura em geral a fim de atender a todos os interesses.

“Desde a última edição procuramos reduzir os eventos diurnos, evitando apresentações no mesmo horário para que o público não se dividisse. Ainda nos eventos diurnos priorizamos as apresentações em que as escolas pudessem trazer seus alunos, deixando para a noite as apresentações voltadas para o público que em sua maioria trabalha durante o dia”, disse Marlene sobre a organização desta edição da FLIPassos.

“Outra mudança que deu certo foi o novo layout em relação a organização e disposição dos espaços, priorizando um local amplo para o palco com tendas grandes e cerca de 500 cadeiras para acomodar o público. Também escolhemos um local de boa visualização para os Stands com vendas de livros, separados da praça de alimentação”, completou a organizadora.

TÉCNICO DO PROJETO SOCIAL KARATER DE PASSOS É CONVOCADO PARA O JEB'S

Bianca Simionato

Nesta edição, destacamos Reinaldo Alves, técnico do Projeto Social Karater de Passos, que recentemente foi convocado para integrar a delegação de Minas Gerais nos Jogos Escolares Brasileiros (JEB's) 2024. O evento, que ocorrerá em Recife-PE entre os dias 24 e 27 de setembro, é uma das principais competições esportivas do país, voltada para estudantes entre 12 e 14 anos, reunindo 18 modalidades.

Reinaldo é o primeiro professor de karatê da região de Passos a receber essa honraria. Sua convocação se deve ao desempenho impressionante de suas equipes em campeonatos recentes, onde conquistaram uma medalha de ouro, duas de prata e sete de bronze, além de alcançar o 3º lugar no Campeonato Brasileiro de Karatê.

Além de seu trabalho em Passos, ele também é técnico da equipe de karatê do CRAS de Itaú de Minas.

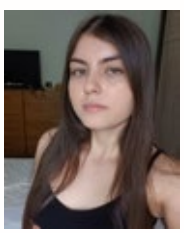
2024 de vitórias

Este ano tem sido de grandes conquistas para as equipes treinadas por Reinaldo Alves, tanto no Projeto Social Karater de Passos quanto no CRAS de Itaú de Minas. As atletas de Passos, sob sua orientação, conquistaram o bicampeonato no Campeonato Mineiro de Karatê, reforçando a excelência do projeto.

O sucesso não se limitou apenas a Passos. A equipe do Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) de Itaú de Minas também se destacou, sendo reconhecida como a terceira melhor equipe de Minas Gerais no mesmo campeonato, com a impressionante conquista de 9 medalhas de ouro. Marcela Nunes, a maior revelação treinada por Reinaldo, é um exemplo dessa qualidade. A atleta já representou a Seleção Brasileira no Sul-Americano de Karatê, mostrando seu talento em nível internacional.

Além disso, os atletas de Passos e Itaú, juntos, conquistaram o 3º lugar no Campeonato Brasileiro de Karatê deste ano, com sete atletas subindo ao pódio. A contribuição de Reinaldo foi fundamental para que Minas Gerais alcançasse o segundo lugar em número de medalhas, ficando atrás apenas do estado de São Paulo. O próprio Reinaldo subiu ao pódio, representando Minas e coroando um ano de conquistas memoráveis.

Esses feitos destacam a habilidade e dedicação de Reinaldo Alves como treinador, refletindo diretamente no sucesso de suas equipes ao longo de 2024.



Bianca Simionato é estudante de Jornalismo pela UEMG de Passos e estagiária no jornal Folha da Manhã. Com uma paixão profunda por esportes, ela se destaca pela sua grande afinidade com a área esportiva, redação e redes sociais. Além de sua atuação acadêmica e profissional, Bianca ama ler, ver séries e filmes, e assistir peças teatrais, além, claro, de acompanhar o esporte local.

APOLOGIA AO ANGU

Gleisson Klebert

Coloque numa panela de preferência de ferro um copo e meio de água. Estando ela ainda fria dissolva um pouco de fubá até que se torne a mistura um mingau homogêneo. Depois coloque sobre o fogo e vá mexendo até o mesmo cozinhar e se tornar um papa mais consistente. Feito isso despeje sobre um prato e deixe esfriar um pouco. Em breve teremos uma iguaria que de tão simples se torna nobre à mesa e ao paladar. Ao menos lá em casa...

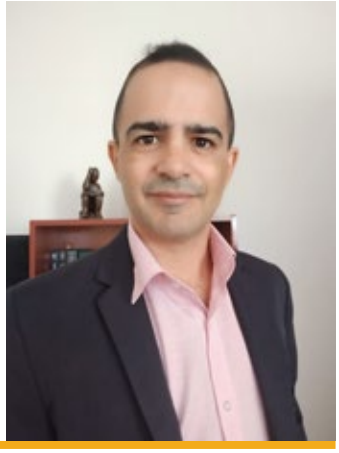
Comida de escravos símbolo do desleixo e apatia dos senhores brancos com relação aqueles que os serviram e construíram o Brasil, o angu é hoje, ao menos lá em casa, quitute de encher os olhos e a boca de água. Os olhos porque creio que também comemos com os olhos e por ele aumentamos nosso apetite e o prazer de estar à mesa em horas de degustação. Encho também os olhos porque tal iguaria recorda meu pai que hoje finado foi em vida também grande apreciador desta iguaria do milho. E sempre que aprecio o angu me vem à mente sua imagem e satisfação que tinha à hora da refeição apreciador que era da boa comida. Puxei a ele. E a boca naturalmente se enche de água ao ver sobre a mesa o apreciável angu.

Adoro a comida de meu estado. Seria natural isso? Seria eu suspeito de ter tal gosto? Não sei, só sei que é assim. (Sem querer parafrasear Chicó do Alto da Compadecida) frango com quiabo, carne de porco na e com gordura, feijão picado vermelhinho e brilhoso na panela, torresmo, couve rasgada ou picada, molho de jiló com chuchu, abóbora madura com pimenta do reino, costelinha de porco, suam de porco e várias outras coisinhas de nossa mineira cozinha com uma pitada de pimenta e uma boa cachacinha pra abrir o apetite. Tudo isso se acompanhada do angu tem uma suavização no sabor que só quem já provou sabe como é.
O angu é complemento na comida. Aumenta a sustância e traz um sabor diferente para o restante das iguarias. Cada alimento tem seu sabor único e quando unimos dois distintos sabores temos algo novo. E é isso que o angu faz, principalmente se a outra iguaria for de sabor forte. Ele suaviza.

A pele de porco torrada, por alguns chamada pururuca, com angu fica uma delícia. Mergulho uma lasca da pururuca no angu e levo a boca como se fosse um sorvete. É de se fazer um "huuummm!!!" igualzinho ao da Ana Maria Braga. E quando na panela fica aquela rebarba de gordura e lasquinhas da carne, passo nela uma torinha de angu e limpo-a com gosto. Jiló com angu abranda qualquer preconceito com este legume, ou seria verdura? (Nutricionistas... help.) Se fazemos dele uma dobradinha com carne moída e molho de tomate aí é apelação. Chamem-no de polenta se quiserem. Pra mim é angu com carne moída. Coisa fina!!! Hum!!! Comida de servir pra visitas. (Vale lembrar que o mineiro é super hospitaleiro)

Quando tem frango com caldo, pra mim o angu se torna uma sobremesa. Pego dele um belo naco e mergulho no prato com caldo do frango e uma boa pimenta. Saboreio-o lambendo os lábios. E pra fechar a nobre refeição que tal angu com leite ou até mesmo ele mergulhado num belo copo de melado de cana de açúcar. Delícia!!!

Gleisson Klebert de Melo é natural de Santana do Jacaré/MG, e Passense desde 2007. Tem 02 Livros Publicados: "Cidade Menina" e "Deus me livre e outras histórias".



Viva a cultura brasileira!

AS MATÉRIAS ASSINADAS SÃO DE INTEIRA RESPONSABILIDADE DE SEUS AUTORES!

ARDEIA, *que fez a diferença nos anos 70,*
FARÁ NOVAMENTE A DIFERENÇA AGORA NO SÉCULO 21.

Te esperamos na edição 16, até lá!

Carlo Montanari

Esperamos na edição 16, até lá!

Conheça nossas redes sociais

@REVISTAARDEIACULTURAL

ESCRITORCARLOMONTANARI
REVISTAARDEIACULTURAL

EQUIPE ARDEIA

Organizador: Carlo Montanari
Designer gráfico: André Corsi
Assintência Editorial: Sabrina Moura
Revisão: Benedito José da Silva

COLABORADORES:

Adailton Almeida - Passos MG
Alberto Calixto Mattar Filho - Passos MG
André L. Nascimento - Passos MG
Benedito José da Silva - Canadá
Bianca Simionato - Passos MG
Carlos José Ferreira Lopes - Passos MG
Carlo Montanari - Passos MG
Cris Amorim - Diamantina MG
Gleison Klebert - Passos MG
Izabelle Valladares - (Se tornou nômade)
João Pedro Alves Grilo - (In memoriam) ex Redator da Revista ARDEIA
João Miguel Silva - Passos MG
Juliano Augusto de Melo - Passos MG
Dom Nuno Barroso - Portugal
Sabrina Moura - São José da Barra MG
Simone Reis - Rio de janeiro RJ

ISBN: 978-65-01-14986-8